

Quem está gagá é a imprensa

Obsessão com idade de Biden distorce riscos da eleição e beneficia Trump

Lúcia Guimarães

É jornalista e vive em Nova York desde 1983. Foi correspondente da TV Globo, da TV Cultura e do canal GNT, além de colunista dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo.

Em novembro de 1982, um ano antes de concorrer ao segundo mandato, Ronald Reagan recebeu a visita de Itzhak Shamir, na Casa Branca e discorreu, nostálgico, sobre seu papel na liberação de campos de concentração nazistas, no final da Segunda Guerra Mundial. O Jôto elegeu Reagan presidente dos Estados Unidos em 1981. Shamir nasceu em 1922, em Palm Springs, na Califórnia, como ator de filmes B, fazendo papéis de tenentes ou recrutas.

compatriotas que o presidente dos Estados Unidos é um cade- te espacial trêmulo".

Stahl, assim como a elite dos repórteres lo todos na Casa Branca, não revelaram ao público o que discutiam abertamente na sala de imprensa. Entre estes colegas está Chris Wallace, 76, cujo programa na CNN estampava na tela, no último sábado, a manchete: "A idade de Joe Biden é problema maior do que os indícios de Donald Trump?".

Voltamos a 2016, à obsessão

malfeitora da imprensa política dos EUA com os e-mails de Hillary Clinton e ao papel de cúmplice da mídia em facilitar a eleição do mais criminoso presidente da história do país.

Numa semana em que o republicano de 77 anos fez ameaças cada vez mais delirantes, sugerindo que a Rússia invada países da Otan, quem exibe senilidade é o *New York Times*, que não para de debater o óbvio envelhecimento de Joe Biden, 81, com uma hipocrisia editorial notável. In-

terlocutores de Joe Biden não relatam preocupações com demência, mas, no domingo, o Times afirmava, na capa da edição impressa: "Biden é mais prejudicado por erros do que Trump."

É o tipo de cobertura descrita como "séria negligência jornalística" por ninguém menos do que Margaret Sullivan, ex-ombudsman do Times e hoje professora de jornalismo da Universidade Columbia.

Como é possível sugerir que os lapsos de memória de Joe Biden são mais sérios do que os sinais de demência de Donald Trump, um sujeito que Noel Casler, ex-produtor do seu reality show, garante, há anos, cheira a regularmente comprimidos esmagados de metanfetamina no set? O dito produtor nunca foi interpelado judicialmente pelos incidentes que detalhou.

Na terça (23), a jovem depu-

tada nova-iorquina Alexandria Ocasio-Cortez alertou no ar, durante o enésimo segmento sobre a idade de Biden: "Precisamos entender o que estamos contemplando neste país. Se Donald Trump for eleito presidente, não sabemos se haverá uma próxima eleição com integridade."

Pode-se debater a sensatez do idoso Biden em se candidatar. Pode-se criticar sua atitude sebastianista, o impulso de, mais uma vez, salvar o país do monstro Trump. Mas ele não roubou as primárias, e os eleitores ignoraram o único pré-candidato rival, Dean Phillips, um memento que sugeriu oferecer um ministério a Elon Musk.

A imprensa política deve ao público cobrir o que está em jogo, as consequências reais da eleição que ameaça o Estado democrático de Direito. E não fulanizar a campanha.

| **poem.** Sylvia Colombo | **tra.** Mundo Leu | **ous.** Lúcia Guimarães | **sân.** Igor Patrick

ATAQUE A TIROS DEIXA AO MENOS 1 MORTO E 21 FERIDOS EM DESFILE DE VITÓRIA DO KANSAS CITY CHIEFS NOS EUA



Tiros foram disparados durante desfile de vitória do Kansas City Chiefs, time de futebol americano vencedor do Super Bowl 58, em Kansas City, no estado de Missouri, nos EUA, nesta quarta (14).

Segundo a polícia, três pessoas foram detidas. Não havia detalhes sobre a motivação do ataque. O corpo de bombeiros da cidade confirmou ao menos 1 morto após o ataque a tiros, além de 21 feridos.

O ataque ocorreu no momento em que centenas de milhares de pessoas, segundo estimativas de autoridades, comemoravam com jogadores da equipe a vitória no Super Bowl 58 no domingo (11).

Democratas ficam com vaga de George Santos no Congresso dos EUA

Vitória reduz maioria do Partido Republicano na Câmara
filho de brasileiros teve mandato cassado em dezembro

SÃO PAULO Eleitores de Nova York escolheram na terça (13) um deputado republicano para substituir o ex-congressista brasileiro George Santos, filho de brasileiros que se tornou em dezembro o primeiro deputado expulsado da Câmara dos Estados Unidos em 22 anos.

Tom Suozzi venceu a disputa contra a republicana Maz Hirono. O democrata, um político veterano de 61 anos que já havia sido deputado, deve cumprir os 11 meses restantes do mandato de George Santos.

O ex-congressista filiado de brasileiros foi destituído em dezembro após várias denúncias de irregularidades, mentiras, fraudes e crimes financeiros. Ele se tornou o primeiro republicano expulsado da Câmara em toda a história e o primeiro político a perder o

mandado sem ter sido condenado antes na Justiça.

Outros cinco congressistas haviam sido expulsos antes de Santos: três no século 19 por terem apoiado os confederados — que defendiam a manutenção da escravidão nos EUA — durante a Guerra da Secessão, e dois desde os anos 1980 por corrupção.

Santos, 35, chamou atenção após vencer em 2022 uma disputa no terceiro distrito de Nova York, que abrange Long Island e Queens. Ele foi o primeiro latino a vencer abertamente numa eleição sem ser o incumbente.

O republicano, porém, logo se tornou motivo de piada nos EUA após uma série de reportagens e investigações criminais e por um Comitê de Ética do Congresso encontrarem

219

é o número de cadeiras controladas pelo Partido Republicano na Câmara dos Deputados dos EUA após a cassação do mandato de George Santos

213

é o número de assentos do Partido Democrata na Casa após Tom Suozz vencer a eleição para ocupar a vaga de Santos.

evidências de que ele cometeu fraudes, lavagem de dinheiro e desviou recursos de campanha para despesas com itens de luxo, botox e até o site de conteúdo erótico OnlyFans. Santos nega irregularidades.

A vitória de Suozzi diminui a maioria já estreita do Partido Republicano na Câmara — o partido passa a ter 219 deputados, contra 213 democratas. A legenda, portanto, pode ter mais dificuldades para aprovar projetos.

Os dois partidos travaram uma campanha agressiva: os republicanos tentaram mostrar Suozzi como alguém brando com a imigração ilegal, e os democratas atacaram as posições antiaborto de Pilip.

A imigração e o aborto são temas centrais na política americana num momento em que o país se prepara para as eleições presidenciais de novembro, que provavelmente serão uma reedição da disputa de 2020 entre o presidente Joe Biden e Donald Trump.

Após a vitória, Suozzi prometeu trabalhar com os republica-

nos para resolver questões como a crise migratória na fronteira sul dos EUA. "O povo do Queens e de Long Island está farto de disputas políticas", disse. "Eles querem que nos unamos e resolvamos problemas."

Suozzi tem posições duras sobre a crise migratória. No discurso de vitória, ele criticou os republicanos por bloquearem um projeto do governo Biden para lidar com os problemas na fronteira. "A gente vai acabar tendo mais imigrantes vindo para Nova York; e ainda por cima, eles vão ter acesso a [fuzis] AR-15".

A falha aparentemente faz referência ao fato de que a cidade de Nova York tem uma lei que obriga a concessão de asilo a solicitantes — embora os abrigos estejam sobrecarregados —, mas também ecoa o discurso, geralmente associado a republicanos linha-dura, que associa imigrantes à violência.

A votação desta terça ocorreu em meio a uma nevasca que atingiu Nova York. A tempestade forçou o fechamento de várias escolas e provocou atrasos de voos.

Por um voto, Câmara aprova impeachment de secretário de Biden

Guilherme Botacini

BOA VISTA O plenário da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos aprovou na noite desta terça-feira (13), por apenas um voto de diferença, o pedido de impeachment do secretário de Segurança Interna, Alejandro Mayorkas, em razão de sua condução da crise migratória na fronteira do país com o México.

A Câmara, liderada pelo Partido Republicano, analisou duas acusações contra o secretário: "recusa intencional e sistemática" no cumprimento da lei de imigração e "quebra da confiança pública". Numa votação de 214 a 213, os republicanos ultrapassaram a oposição dos democratas para fazer de Mayorkas o primeiro secretário de gabinete em exercício na história do país.

O processo é mais um episódio do embate entre o governo de Joe Biden e a ala republicana mais próxima de Donald Trump. Os aliados do ex-presidente têm usado os números recorde de migrantes entrando pela fronteira sul como moeda de troca em negociações.

Depois do resultado, Biden classificou a votação do impeachment de "ato flagrante de partidatismo inconstitucional", observando que Mayorkas e sua família são imigrantes cubanos que vieram para os Estados Unidos como refugiados políticos.

O presidente também criticou os republicanos por rejeitarem um projeto de lei bipartidário de segurança nas fronteiras, "desistindo de soluções reais exatamente quando elas são mais necessárias" para fazer política.

O texto do impeachment já havia sido aprovado por um comitê na Câmara, com os votos de 221 republicanos contra os 213 de democratas. "Isso é uma manobra política", afirmou o líder da minoria democrata na Câmara, Hakeem Jeffries, na ocasião do debate no comitê, no fim de janeiro.

O pedido vai agora ao Senado, onde provavelmente será enterrado pela maioria do Partido Democrata, que critica o processo. A previsão é de que entre na pauta da Casa a partir do dia 26, quando os senadores voltarem de recesso. Com AFP e The New York Times